

INSULARES SANTUÁRIOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DA CIDADE MARAVILHOSA DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO.

MELLO, João Baptista Ferreira de (UERJ)

Um Rio de transformações espaciais, promovidas pelas políticas públicas, pululou ao longo do século vinte. Neste ritmo, “varreduras” colossais destruíram logradouros, igrejas, monumentos e outros resíduos da Colônia e do Império, em decorrência da onda avassaladora da ordem e do progresso evidenciada no tecido urbano carioca em direção a uma cidade higiênica, moderna, capitalista e oxigenada. Neste turbilhão, sobre os escombros do passado, a tirania das reformas urbanas trouxe uma nova reconfiguração ao espaço urbano carioca. Todavia, vale dizer, alguns santuários foram poupados pela chamada destruição-criativa. Consideremos, neste nicho, os exemplos dos templos - situados na Área Central do Rio de Janeiro, palco de grandes eventos e metamorfoses - e dedicados à Santa Luzia, à Nossa Senhora da Candelária e a Santo Antônio.

A geografia, como apontou Cosgrove (1998), “está em toda parte” e, naturalmente, nesses centros de espiritualidade. Trata-se, pois, de uma temática que une o urbano ao sagrado (Corrêa, 1998) e uma contribuição com vistas ao reconhecimento do “sagrado como elemento de produção do espaço” (Rosendahl, 1998:13), transcendendo tal condição e transbordando sua aura pelo entorno imediato. O estudo, vale frisar, comunga com a idéia de que o lugar-tempo sagrado e o lugar-tempo profano constituem fontes relevantes de consultas e vias “de acesso à compreensão do urbano” (Rosendahl, 1999:12), na medida em que as marcas ou grafias impressas pelo homem sobre a superfície terrestre transcendem a simples condição da aparência/vitrine sendo portadoras “de significados expressando valores, crenças, mitos e utopias” integrando, assim, “a dimensão simbólica” (Corrêa, 1998:8). As igrejas, em pauta, não estão, portanto, restritas às suas formas ou ao halo sacrossanto de suas atividades, pois no transcurso do tempo outras funções e significados continuam emanando desses centros receptores ou irradiadores de fluxos (Santos, 1988; Corrêa, 1997; Mello, 2002a ; 2002b). Em meio a tanta reverência, fervor, cultos e vivência os templos de Luzia, Candelária e Antônio permaneceram intocados perante um quadro de arrasamentos e reedificação da Cidade Maravilhosa.

O TEMPLO DE LUZIA - UM INSULAR TESTEMUNHO GEOGRÁFICO NA ÁREA CENTRAL DO RIO DE JANEIRO

O artigo inicia sua parte substantiva explorando um expressivo marco plantado na Área Central do Rio de Janeiro: a igreja de Santa Luzia e seu entorno. Construído por pescadores, no primeiro século de colonização, o santuário, mais tarde, ampliado, persiste como um verdadeiro testemunho geográfico e de forma insular. Nestas circunstâncias, o lugar sagrado em tela foi alçado à categoria de centro de convergência e irradiação de fé e idéias. Na realidade, um monumento ou claustro de espiritualidade, encontros e sociabilidade, cujo espaço profano circundante, ou ágora, tornou-se palco de manifestações, impregnadas ou não de religiosidade. De toda sorte, esses mundos antagônicos e complementares, marcados pela efervescência de movimentos, criatividade, comoção e centralidades, promovidos pelo templo em questão, concorrem para eleger, projetar e veicular geografias íntimas e/ou coletivas forjadas através das experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais (Latif, 1965; Tuan, 1980; Siqueira, 2003; Mello, 2002a; 2002b).

A trajetória de Santa Luzia insere-se no conjunto dos mártires da Igreja Católica e sua igreja figura como "testemunha privilegiada da história do Rio de Janeiro" (Siqueira, 2003:108) e da reorganização do espaço no Centro da cidade.

Luzia nasceu na Itália e foi prometida em casamento por sua mãe ignorando os votos da jovem em se guardar por amor a Cristo. O rompimento do noivado e a entrega do dote à caridade provocaram a ira do ex-futuro esposo que denunciou Luzia aos perseguidores dos cristãos. De acordo com fontes ligadas à Igreja Católica, ordenada a freqüentar um prostíbulo, seu corpo tornou-se tão pesado que não havia quem conseguisse arrastá-lo. Ao sofrer torturas, Luzia respondia com palavras de fé até seu corpo ser degolado por uma espada, no ano trezentos e três, transformando-se, após a morte, em uma das mais veneradas santas e a quem são atribuídos milagres, principalmente, no que tange às doenças dos olhos (Lima, 2000; Siqueira, 2003).

No Rio de Janeiro, a contribuição da santa, no que concerne à toponímia, remonta a um tempo anterior à fundação da cidade, tendo em vista que, justamente no dia comemorativo em sua homenagem, 13 de dezembro, nos idos de 1519, o explorador Fernão de Magalhães aportou na praia que passou a ter seu nome. Mais tarde, em 1592, um grupo de pescadores ergueu uma capela, reformada e ampliada

em 1752 que, em 1872, recebeu duas torres sineiras "no lugar da original e a fachada neoclássica, com as três portas" (Siqueira, 2003:108) mantidas até os dias de hoje.

A igreja foi edificada no sopé do morro do Castelo, em uma estreita faixa de terra, junto à baía de Guanabara e, logo em seguida, ocupada pelos padres franciscanos. Estes, porém, adeptos da filosofia do trabalho, da caridade e da extrema pobreza, eram avessos à ganância material e opostos à postura dos jesuítas estabelecidos na referida elevação. As diferentes visões de mundo fizeram com que os franciscanos deixassem seus vizinhos e o templo beira-mar instalando-se, no século XVII, no morro de Santo Antônio.

Nos primeiros séculos de colonização, alcançar os lados de Santa Luzia exigia um certo esforço, em razão dos terrenos escorregadios, de difícil acesso e abandono, a despeito da proximidade do bairro da Misericórdia, situado na encosta do morro do Castelo, mas sem via de acesso a este. A visita de Dom João VI, em 1817, para o pagamento de uma promessa feita à santa pela recuperação de um mal que acometera os olhos de seu neto, Dom Sebastião, começou a mudar o quadro nesta parte da cidade. Para a própria passagem do cortejo real foram realizadas melhorias e derrubada de muros. Mesmo assim, o templo continuou a ter em suas imediações alguns dos chamados "usos sujos", que degradam o meio ambiente, como o matadouro, até 1853, o cemitério de indigentes, transferido na metade do século XIX para o bairro do Caju e, ainda, o Hospital da Santa Casa da Misericórdia, soberba reconstrução – tombada como patrimônio histórico –, aprontada em 1852, ao gosto neoclássico, comportando os seculares e inestimáveis serviços prestados à população carioca. A partir de então, a rua Santa Luzia mudou seu perfil e suas características praieiras atraíram clubes de regatas um deles com seu nome, mais os aclamados Vasco da Gama e Boqueirão, remanescentes de um tempo no qual o remo era o esporte mais popular do país (Carvalho, 1966; Abreu, 1997; Gerson, 2000; Telles, 2001; Siqueira, 2003).

Tradicional centro religioso acolhendo a todos "do pescador à realeza", ao longo do tempo, devotos e navegantes acorreram à igreja de Santa Luzia "em busca dos milagres para os olhos" (Siqueira, 2003:78). Esta, após assistir a diversas transformações espaciais, no início do século vinte, voltaria a se deparar com uma outra fantástica cirurgia urbana, qual seja o desmonte do morro do Castelo, concretizado no bojo da chamada reforma Carlos Sampaio, efetivado na aurora dos anos vinte do século passado.

Nos primeiros anos da década de vinte do século passado, com vistas às festividades concernentes ao Centenário de Independência do Brasil, o morro do Castelo, "berço da cidade", foi demolido e, nessa voragem, seus edifícios históricos, bem como vários prédios residenciais, sob argumentos de que a elevação emperrava a expansão da Área Central e, entre outros, impedia a livre circulação dos ventos, idéia remanescente da era higienista em voga no século dezenove. De toda sorte, seu entulho continha um volume de tal monta que serviu para o avanço da cidade sobre parte da orla marítima, resultando na ampliação da esplanada do Castelo, na criação do gigantesco Parque Brigadeiro Eduardo Gomes (popularmente chamado de Aterro do Flamengo), bem como do futuro aeroporto Santos Dumont, na Área Central, e parte do bairro da Urca, na zona sul do Rio de Janeiro (Latif, 1965; Rocha, 1986; Mello, 1993; Abreu, 1997; Corrêa, 2000; Lessa, 2000).

Nessa perspectiva, as políticas públicas promovem a "oxigenação" da cidade, arrasando uma elevação, possibilitam a abertura de novos e amplos logradouros, estabelecem o disciplinamento e controle do espaço urbano, com a remoção de segmentos da sociedade destinados à periferia empobrecida e provocam posterior alocação de atividades nobres do comércio e dos serviços. Trata-se, na verdade, como defende Harvey (1993), entre outros, de uma "destruição criativa". Assim, o homem cria espaço corrigindo os "males" da cidade, sobre os seus próprios destroços ou vencendo seus impedimentos (Rocha, 1986; Abreu, 1997; Lessa, 2000).

Afastada do mar que, em séculos pretéritos, praticamente, banhava suas escadas e, atualmente, em destaque na paisagem, a igreja de Santa Luzia ganhou notoriedade, mormente por ser criada uma espécie de "ilha", cercada por logradouros, com o templo separado das outras edificações erguidas em suas cercanias. São prédios, contendo vários pisos, de valores e linguagens arquitetônicas diversas, mostrando a capacidade do homem em se superar e criar – sobre área devastada ou sobre aterro – imponentes construções. Dessa maneira, na Esplanada do Castelo, o passado do templo, com sua "verticalidade definida por pilastras em cantaria" (Czajkowski, 2000:81), destoa e, desconcertantemente, se integra ao conjunto de edificações pertencentes aos antigos Ministérios da Fazenda, do Trabalho e da Educação, bem como à Academia de Letras e aos consulados italiano e francês. Estes e outros fixos sociais, plenos de órgãos, repartições, consultórios e estabelecimentos comerciais ou de serviços, provocam uma agitada coreografia de pedestres e veículos durante o horário normal de trabalho. Assim, as torres da igreja, significando a

elevação do espírito aos céus, juntam-se a outras torres mais modernas, altas e de outros teores. E, em meio a grandes artérias abertas em área artificialmente criada, manifestações diversas ocorreram como os famosos desfiles das escolas de samba nos anos 1974, 1975 e 1976, por conta da construção do metrô em outra parte da Área Central do Rio de Janeiro.

Nas últimas décadas, vale registrar, um evento do mundo do pecado e, portanto, absolutamente distante das atribuições da igreja acontece junto ao seu claustro "insular" e aos mistérios da noite, na ágora ou espaço coletivo, quando o profano se instaura em "gestos, passos e itinerários" (Ribeiro, 2002) na delimitação de um território forjado pela prostituição masculina e seus clientes motorizados, (re)transformando as ruas do entorno. Mas, se o pecado e o profano prevalecem ao anoitecer e de madrugada, a aurora, a cada dia, triunfa, no movimento cotidiano e na frequência à igreja de Santa Luzia, uma das mais concorridas, notadamente, no que diz respeito ao olhar dos devotos ou na agenda de missas fúnebres ou em ação de graça (Seamon, 1980; Santos, 1988; Mello, 2000; Ribeiro, 2002).

CANDELÁRIA - UMA CENTRALIDADE ETERNA

A Igreja da Candelária, situada na Área Central do Rio de Janeiro, se apresenta como um exemplar extraordinário de centralidade eterna. A idéia não se remete apenas ao seu caráter religioso, mas igualmente à sua permanência como uma expressão da alma carioca. Trata-se, convém frisar, de um ponto atrator e irradiador de idéias, curiosos, fiéis, estudiosos, trabalhadores e turistas, nos limites das zonas histórica beira-mar e financeira, vertidas em centro turístico, na combinação (e fusões) de formas, funções e significados pretéritos e hodiernos, incluindo, nesse conjunto, monumentos como a oitocentista Casa França-Brasil e os Centros Culturais do Banco do Brasil, da Marinha e dos Correios e Telégrafos, além de outros templos católicos (Relph, 1987; Mello, 2002 a; 2002b) que não sucumbiram às cirurgias urbanas efetivadas no decurso do século passado.

A ampla e suntuosa igreja decorre de uma promessa de uma família salva de uma tempestade marítima. A primeira capela, na verdade, uma ermida, foi construída no início do século XVII. Já, a imponente igreja da Candelária da contemporaneidade, de valiosas portas de bronze e altar mór, em mármore carrara, começou a ser erguida

em 1775, sendo concluída 1898. Seu nome foi emprestado à freguesia das cercanias, por muito tempo, e ainda hoje é insistentemente utilizado pelos freqüentadores da área, pela mídia, os turistas e os cariocas, de um modo geral.

O monumento religioso em questão, no passado geminado a outras edificações, resistiu, nos anos quarenta do século vinte, à devastação imposta pela abertura da avenida Presidente Vargas, constituindo-se no único prédio poupado pela tirania do planejamento para a abertura da citada artéria, efetivada na administração do Prefeito Henrique Dodsworth.

Com a Igreja em destaque foi, propositadamente, criada a Praça Pio X e, em sua reverência, os edifícios do entorno não excedem a altura da cruz fincada no alto de sua cúpula. A idéia seria, também, realçar suas formas exuberantes e reproduzi-las nos vidros espelhados dos prédios do entorno. Desafortunadamente apenas uma ou outra edificação seguiu tal sugestão,. Um outro projeto, da mesma forma, não pôde ser executado, qual seja o de se girar o templo sobre um eixo de cento e oitenta graus, congelando suas fundações em ousado e difícil projeto de engenharia, para que permanecesse de frente para a imensidão da avenida Presidente Vargas de diversas pistas e longo traçado. Temeu-se, porém, que o peso do monumento, construído sobre área de aterro não suportasse o desafio de se volver a igreja com sua pompa arquitetônica rodeada "por uma aura de profunda seriedade moral" (Rosendahl, 1996:64). Seja como for, a "Candelária" tem sido palco de solenidades religiosas de vulto e assistido a diversos acontecimentos relevantes da vida do país.

Os visitantes e os fiéis que participam do santo ato de suas missas podem admirar as pinturas e vitrais representando a Virgem, as virtudes (fé, esperança, caridade, prudência, justiça, fortaleza e temperança) e no alto do teto seis imensos painéis exibindo em cores vibrantes desde embarque do espanhol Antônio Martins Palma e sua esposa Leonor Gonçalves, devotos da santa, até a monumentalidade da "Candelária" de nossos dias, passando pelo naufrágio, a chegada ao Rio de Janeiro, a primeira capelinha e a segunda igreja erguida em honra e agradecimento à Nossa Senhora (Souza, 1998; Mello, 2002; Siqueira, 2003). Seu interior contém, ainda, dois púlpitos assim como o batistério em talha, afinando desconcertante com os diversos estilos do templo.

Na "Candelária", como lugar sagrado, continuam ocorrendo cerimônias fúnebres e atos nupciais de famosas personalidades e, muito embora o lugar sagrado seja rodeado pelo profano, estes distanciaram-se ou confundiram-se em algumas ocasiões.

Nos anos sessenta, a parte exterior e fundos da igreja passaram a ser, por excelência, o ponto de concentração das passeatas em reação aos ditames do regime militar. O ápice de tal confluência entre o sagrado e o profano ocorreu no dia quatro de abril de mil novecentos e sessenta e oito quando na "Candelária" foram rezadas missas de sétimo dia em intenção da alma do jovem paraense Édson Luís, morto por um aspirante da Polícia Militar do Rio de Janeiro, no restaurante do Calabouço, no Parque do Flamengo, no qual estudantes almoçavam por um preço irrisório. Nas palavras do escritor Zuenir Ventura (1988) nunca houve uma cerimônia tão tensa e dramática quanto a procissão de sacerdotes que procurou proteger as pessoas que participaram desse ato litúrgico. Na manhã desse fatídico quatro de abril, a cavalaria da Polícia Militar acossou os participantes, que deixavam o templo, contra as portas da "Candelária", fechadas por ordem de fonte desconhecida. Os soldados desceram o sabre sobre moças e rapazes, em um verdadeiro massacre. À tarde, Dom José de Castro Pinto, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, e outros quinze sacerdotes juntaram as mãos formando duas correntes no meio das quais passavam os estudantes. Com esse gesto, os padres mostraram que desejavam que todos retornassem, sem danos ou tortura, às suas residências. Assim procederam até que a última pessoa deixasse os limites da igreja até a avenida Rio Branco nas imediações da igreja. Um desses padres protagonizou uma cena de grande impacto ao ostentar na porta da "Candelária" um crucifixo detendo a cavalaria que pretendia adentrar o templo e, dessa maneira, profaná-lo (Tuan, 1978; Ventura, 1988; Eliade, 1991; Rosendahl, 2002; ANDRADE, 2005).

Repetidamente no entorno profano da Candelária, junto ao lugar sagrado, durante os anos sessenta e setenta, concentravam-se os desfilantes das escolas de samba em direção às cercanias do Campo de Santana e a "Central do Brasil" escoando os cortejos rítmicos pela avenida Presidente Vargas. Em 1984, após ser sucessivamente endereço focal para o início das passeatas, a Praça Pio X, nos fundos da igreja voltou a ser uma centralidade colossal ao reunir, em seu espaço coletivo e artérias próximas, mais de um milhão e duzentas mil pessoas no famoso comício da "Candelária" em prol das Diretas Já, reivindicando o voto direto para a Presidência da República nos estertores da Ditadura Militar. Cinco anos depois mais uma outra enorme massa humana voltou ao espaço profano da "Candelária" em apoio à candidatura do atual Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, derrotado, nesse ano de 1989, por Fernando Collor de Mello.

Revezando veneração, acolhimento, conflitos, metamorfoses e permanência, em sua história e em sua geografia, os domínios da igreja em tela, voltariam a ser motivo de intensos debates e lamentações, com repercussão internacional, quando da chacina da Candelária promovida por policiais militares, em vinte e três de julho de mil novecentos e noventa e três, ao sacrificarem meninos de rua que dormiam nas cercanias do templo.

Como relatado, a "Candelária", integrando o conjunto dos bens tombados no Rio de Janeiro, dotada de três naves, de dois suntuosos púlpitos, com interior revestido em mármore e contornos de inigualáveis continua fazendo parte da vida da cidade, seja na devoção à Nossa Senhora, seja no vai e vem constante das pessoas em um dos seus pontos nevrálgicos, e, por isso mesmo, eternizando-se como uma referência geográfica com sua extraordinária centralidade de expressivo alcance espacial (Czajkowski, 2000; Mello, 2002; Telles, 2001; Siqueira, 2003).

Os laços estreitos tecidos ao longo do tempo entre refúgio e amplidão, claustro e ágora, na realidade, firmaram os elos topofílicos concernentes a todo tipo de ligação afetiva entre os seres humanos e o templo ora em exposição, vínculos esses que "diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão" (Tuan, 1980:107). Por topofilia, como se sabe, o geógrafo Yi-Fu Tuan (1974; 1980) e o filósofo Bachelard (1978) entendem o sentimento despertado pelo espaço apropriado, da convivência e da felicidade alçado, por conseguinte, à categoria de lugar vivido, do abrigo e da lida do dia-a-dia. Esses laços topofílicos concorrem para o estágio da agorafilia, a condição pertinente à filiação, à empatia, ao pertencimento ou ao amor a lugares amplos, públicos e abertos, bem como, nesse diapasão, à claustrofilia, sentimento relativo aos ambientes fechados. Neste caso, o lugar sagrado delimitado pelo templo, remete ao termo técnico inicial para os "lugares de contemplação" ou claustro, sinonímia para éden ou paraíso (Tuan, 1980). Hodiernamente, o interior sagrado da Candelária, metaforicamente entendido como claustro, e sua expansão profana tida como ágora, emergem livres dessas insígnias e se confundem, mesmo considerando-se que o profano nunca invade o sagrado porque se assim proceder este perde tal distinção (Tuan, 1974; 1980; 1983; 1991; 1999; Bachelard, 1978; Mello, 2000; 2002a; 2002b, Rosendahl, 2002).

CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO – O DIÁLOGO DA CIDADE COLONIAL COM A CIDADE MARAVILHOSA

Um dos santos mais populares na cidade, Antônio, é recorrentemente lembrado como o santo casamenteiro e sua festa no dia 13 de junho muito concorrida. Os frades do convento instalaram-se na encosta do morro que lhe confere o nome no início do século dezesseis. A elevação funcionou como uma importante elevação do Rio desde os primeiros séculos de colonização. E graças às reivindicações dos frades a lagoa frontal foi aterrada e o largo surgido desta passou por uma série de intervenções urbanísticas desde a implantação de chafarizes até mais recentemente, a concretização de uma das estações do metrô carioca de maior movimento. Mas, a mais drástica impondo martírio à população favelada que ocupava as vertentes do morro ocorreu com a mutilação do morro de Santo Antônio, em 1954, quando o seu material de desmonte serve para aterrar uma outra parte do Parque do Flamengo.

Na realidade, uma “destruição criativa” (Harvey, 1993), via de regra, promove a reconfiguração de parte do tecido urbano deteriorado ou tido como entrave ao “progresso” e sobre os seus destroços surge uma cidade bela, higiênica, majestosa e arejada nos moldes propostos pelo capitalismo. Os tormentos, contudo, são devastadores para os moradores que são propositadamente “empurrados” para locais distantes ou os nichos da cidade como espaços periféricos, encortiçados ou favelizados.

O morro de Santo Antônio abrigou a primeira favela do Rio de Janeiro, em 1893, e sua destruição parcial, em 1954, (obra do Prefeito Dulcídio Cardoso), serviu para aterrar uma outra parte do Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, justamente na área litorânea do bairro do Flamengo, popularmente chamado de Aterro. De todo esse processo restou um trecho no qual se encontra o convento do mesmo nome e da porção maior arrasada, resultou na consolidação de uma esplanada na qual estão plantados imponentes prédios de grande poder e forte expressão, como a Petrobrás, o BNDES, a CEF (Caixa Econômica Federal) e a Catedral de São Sebastião do Rio de Janeiro, edificações essas inauguradas no bojo dos anos setenta. Trata-se, convém frisar, de um avanço do núcleo central sobre a sua periferia, isto é pleno de funções nobres em área verticalizada. Ou seja, no lugar das encostas com favelas, situadas junto ao Centro de Negócio e Gestão, uma paisagem oxigenada e entrecortada por duas grandes avenidas (Chile e República do Paraguai) serve para a fluidez mais rápida do trânsito em meio aos pavilhões distanciados uns dos outros, em uma cidade

que se forjou aterrando lagoas, mangues, brejos e avançando pelo mar e, mais tarde, por conta da infinidade de seus belos acidentes geográficos, perfurou as montanhas para a abertura de túneis com intuito de espraizar o perímetro densamente ocupado pelo homem, sobretudo nos bairros nobres da zona sul e da zona oeste beira-mar. Todavia, o convento resiste após a devastação imposta pelas políticas públicas e sob a forma de ilha/colina assiste, em meio à sua paz e espiritualidade, o movimento reinante no “core” da cidade do Rio de Janeiro (MELLO, 1991; 2000; ABREU, 2006; MARCIAL, 2006).

PALAVRAS FINAIS

As igrejas são lugares promotores de experiências comuns, símbolos de grande ressonância e plenos de significados entrelaçados em momentos de recolhimento íntimo ou junto às aglomerações. Acolhidos no interior de um templo e compartilhando a fé com outros religiosos, os fiéis sentem-se entre os “seus” e, portanto, em seus lares ou lugares sagrados.

Desse modo, perante a um quadro de metamorfoses, religião, cultura, história e atividades comuns ao dia-a-dia, o texto procurou contribuir no sentido de interpretar os significados de lugares sagrados e seus entornos profanos, constituindo-se, assim, em um outro enfoque para o entendimento de parte da geografia da cidade do Rio de Janeiro.

A pesquisa, com tal perfil, procurou contribuir para o entendimento de uma porção expressiva do espaço urbano carioca, a partir de templos selecionados como representativos da tolerância das drásticas cirurgias urbanas da religiosidade, da relevância e das transformações espaciais ocorridas na Área Central do Rio de Janeiro.

Em suma, a grandiosidade de suas edificações, os acervos sobre a memória da cidade e a experiência repetida consagraram estes centros de devoção como lugares, amados, respeitados, referenciais geográficos, transformados em símbolos do espaço urbano carioca freqüentados por fiéis e visitados por turistas de diversas procedências. Nestes termos, esses santuários que resistem como ilhas de espiritualidade, fé, festas, lutas e trocas, confundem-se e simbolizam a própria Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro

REFERÊNCIAS:

- ABREU, M. A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLAN, 1997.
- ANDRADE, B. C. de. Candelária: Indulgências das Políticas para com um Templo Religioso ou um adorno Exuberante para a Monumental Avenida Presidente Vargas?. 2005. 0 f. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro) - Orientador: J. B. F. de Mello. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1985a.
- BUTTNER, A. Hogar, campo de movimiento y sentido del lugar. In: GARCÍA RAMON, María Dolores. Teoría y método en la geografía humana anglosajona. Barcelona, Ariel, 1985b. pp. 227-241.
- CASTRO, O. Memórias. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1928.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- COSGROVE, David. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- CZAJKOWSKI, Jorge (org.). Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra.
- ELIADE, M. O Sagrado e o profano: a essência da religião. Lisboa: Livros Brasil, 1991.
- HARVEY, D. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1993.
- LATIF, M. B. Uma cidade nos trópicos – São Sebastião do Rio de Janeiro. Ed. AGIR, Rio de Janeiro, 1965, p.231.
- LESSA, C. O Rio de todos os Brasis. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- LIMA, Pe. A. L. da S. Santa Luzia. São Paulo: Paulus, 2000.
- LOWENTHAL, D. The past is a foreign country. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- MARCIAL, A. P. O Largo da Carioca e seus microcosmos: um olhar geocultural. Espaço e Cultura No 21. www.nepec.com.br

- MELLO, J.B.F. de. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística. Orientador: R. L. Corrêa. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UFRJ, 1991.
- MELLO, J.B.F. de. Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade - o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos. Orientador: R. L. Corrêa. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UFRJ, 2000.
- MELLO, J.B.F. de Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Matrizes da geografia cultural. Rio de Janeiro, EdUERj, 2001, p. 87-101.
- MELLO, J.B.F. de. Explosões de centralidades na cidade do Rio de Janeiro. In: Estudos de geografia fluminense. MARAFON, G.; RIBEIRO, M. F. (org.). Rio de Janeiro: Livraria e Editora Infobook LTDA, 2002a.
- MELLO, J. B. F. Símbolos dos Lugares, dos Espaços e dos Deslugares. Espaço e cultura, Rio de Janeiro, v. 16, p. 64-72, 2003.
- RELPH, E. A paisagem urbana moderna. Lisboa: Edições 70. 1987.
- Rio antigo: roteiro turístico-cultural do centro da cidade. Rio de Janeiro: AGGS: Embratur, 1979.
- ROCHA, O. P. A Era das demolições – cidade do Rio de Janeiro – 1870-1920. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1986.
- ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- ROSENDAHL, Z. Hierópolis: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. 110 p.
- ROSENDAHL, Z. Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- SIQUEIRA, R. Igrejas do Rio de Janeiro. História e devoção. Rio de Janeiro: Luminatti Editora, 2003.
- SOUZA, J. V. A Igreja da Candelária desde a sua fundação. Rio de Janeiro: Debret, 1998.
- TELLES, Augusto C. Silva. Guia dos bens tombados da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.
- TUAN, Y. F. Sacred Space: explorations of an idea. In: Butzer, Karl W. (ed.). Dimension of human geography. University of Chicago, 1978. 84-100 p.
- TUAN, Y. F. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. F. Espaço e lugar. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. F. Dominance and Affection: The Making of Pets. New Haven: Yale University Press, 1984a.

TUAN, Y. F. Continuity and Discontinuity. The Geographical Review. nº74(3) New York, 1984b.

TUAN, Y. F. Escapism. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

VENTURA, Z. 1968 - o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Editora. 1988.

WAGNER. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.